

No território brasileiro, a partir da independência sempre gozamos de uma clara unidade política, com exceção de algumas poucas disputas territoriais nas regiões limítrofes aos nossos vizinhos sul-americanos, muitas vezes resolvidas pacificamente. Na Europa, contudo, durante séculos coexistiram países fortes e unificados (notadamente França, Inglaterra e Espanha), ao lado de regiões fragmentadas, como Alemanha e Itália. A Itália foi o penúltimo país a ser unificado na Europa Ocidental, em 1861, seguido apenas pela Alemanha, em 1871.

A Unificação Italiana, também chamada de “Ressurgimento”, foi um movimento iniciado com o Congresso de Viena, ao fim da guerras napoleônicas (1815), quando a Itália restou dividida entre o Reino do Piemonte (a noroeste, governado pela Casa de Sabóia, e ao qual se uniria o Reino da Sardenha, em 1847); o Reino da Lombardia e Veneza (ao norte-nordeste, em grande parte sob domínio do Império Austro-Húngaro); os Ducados de Parma, Modena, Lucca e o Grão-Ducado da Toscana (estes também sob o governo indireto do Império Austro-Húngaro); os Estados Pontifícios (ao centro, sob o comando do Papa); e o Reino das Duas Sicílias (ao sul, governado pelos Bourbon). É desnecessário dizer que cada um desses governantes era muito cioso de sua autoridade, e, portanto, naturalmente infenso a propostas de unificação que implicariam na redução de seu poder (a menos que a unificação ocorresse sob o seu próprio comando, é claro).

Vale lembrar que no século III a.C. a Itália fora unificada sob o Império Romano, e que essa unidade política persistiu por setecentos anos, até começar a fragmentação política de seu território, a partir da queda do Império Romano do Ocidente, ocorrida em 476 d.C. A perda da unidade territorial, contudo, não impediu que cidades-estados das regiões central e norte da península italiana florescessem, algumas tendo, inclusive, considerável poderio econômico e militar entre os séculos IX e XV, como foi o caso das repúblicas marítimas autônomas de Amalfi, Gaeta e Veneza (a partir do século XI), e de Gênova, Pisa e Ancona (a partir do século XII). Em especial, vale lembrar o esplendor de Florença, no século XV, cuja riqueza era proveniente de atividades bancárias e do comércio, e que, sob o comando dos Médici, nos legou algumas das mais lindas obras de arte da Renascença.

Contudo, na Era dos Descobrimentos (sécs. XV a XVII), a Itália perdeu força política e econômica, ao passo que os países europeus já unificados conseguiram conquistar colônias no além-mar que passaram a gerar um fluxo de riquezas constante para suas metrópoles. Na realidade, em boa medida, os descobrimentos através do Oceano Atlântico, e o ímpeto pela descoberta de uma nova rota marítima para o comércio com as Índias (i.e. o sul-sudeste asiático) foram uma consequência direta do desejo de quebra do virtual monopólio usufruído por Veneza e Gênova, durante centenas de anos. Com efeito, os comerciantes dessas cidades controlavam o transporte marítimo para a Europa das especiarias asiáticas que chegavam por terra até a Ásia Menor e o Oriente Médio. Até mesmo o pequenino Portugal (unificado já desde o séc. XII) beneficiou-se de seu pioneirismo nos descobrimentos a partir do final do séc. XV. Mas a Itália, desunida e “presa” dentro do Mar Mediterrâneo, não conquistou colônias.

É nesse contexto que a Itália chega ao séc. XIX: por trezentos anos o mundo teve um crescimento econômico acelerado (descontados os períodos de guerras e epidemias), e já estava em pleno vapor (literalmente) a revolução industrial na Inglaterra, França e Alemanha, enquanto a Itália não lograva desenvolver-se como os demais países. O séc. XIX foi um período repleto de novas ideias: a partir da Independência Americana e da Revolução Francesa (eventos do final do séc. XVIII), parecia que nada mais era imutável, e que inúmeros novos arranjos políticos seriam viáveis. O Ressurgimento Italiano acelerou-se, portanto, a partir das Revoluções de 1848 (a “Primavera dos Povos”), que varreram a Europa, e que tiveram variadas causas imediatas nos diversos países, mas, em comum a todas, percebia-se o desejo das populações em participar mais ativamente das decisões que afetariam seus destinos.

Na península italiana, a Revolução de 1848 teve um caráter nacionalista. Contudo, os principais grupos rebeldes não conseguiram chegar a um consenso quanto aos objetivos a serem perseguidos. Entre as três tendências que desejavam a unificação do país, os chamados “neoguelfistas” propugnavam a criação de uma confederação de estados sob a chefia do Papa; outros, desejavam uma monarquia constitucional sob o comando da Casa de Saboia; e outros, entre os quais se destacavam os carbonários, como Giuseppe Garibaldi, queriam derrubar as dinastias e decretar a república. É fácil compreender a razão pela qual nenhum deles teve êxito naquele momento, e a tão sonhada unificação só viria a ocorrer em 17 de março de 1861, quando o Rei Vitória Emanuel II (que era Rei da Sardenha-Piemonte desde 1849) foi aclamado como o governante do Reino da Itália. Após mais de doze séculos desunida, a península italiana voltava a ter um governo único, embora, naquele momento, ainda faltasse a incorporação completa dos Estados Pontifícios.

Aliás, vale lembrar o importante papel que Giuseppe Garibaldi teve em 1860-1861 no comando de exércitos que conquistaram o Sul da Itália para a causa do Rei Vitória Emanuel, não tendo Garibaldi aceito qualquer prêmio por seus esforços. Estamos, é claro, falando do mesmo Garibaldi que viveu no Brasil entre 1835 e 1841, durante um dos períodos de exílio pelos quais teve que passar em sua vida (é dura a vida dos revolucionários!). Por aqui, Garibaldi fez o que sabia de melhor: rebelar-se, e foi aliado de Bento Gonçalves (antepassado direto deste que vos escreve, o que talvez explique um viés rebelde do autor, ou, ao menos, é boa desculpa).

Garibaldi casou-se com a brasileira Anita e com ela lutou no Sul de nosso país, bem como nas batalhas da unificação italiana, o que valeu a Anita o epíteto de “Heroína dos Dois Mundos”. Por aqui, o casal Garibaldi teve papel relevante em batalhas da Revolução Farroupilha, que proclamou a República Rio-Grandense (1836-1845), e teve quatro filhos. Giuseppe e Anita permaneceram unidos até a morte de Anita, em 1949, quando, grávida do quinto filho, faleceu em fuga, após a derrota na Batalha do Janículo (nos arredores de Roma).

Podemos imaginar quantas centenas de milhares de pessoas participaram do sonho da unificação italiana, que era, simultaneamente, o desejo de independência em relação ao poderoso Império Austro-Húngaro, assim como um processo de separação do poder terreno e do poder do Papa, pois este, mesmo após 1861, ainda governava os Estados Pontifícios, um território que ocupava parte substancial do centro da península italiana. Após 200 anos de iluminismo, com a ênfase na razão e na ciência, já não havia mais espaço para a permanência do Papa como um chefe de Estado. Com efeito, o Papa Gregório XVI (1831-1846) expressamente rejeitou sugestões para dar mais democracia ou modernizar os Estados Pontifícios, e seu sucessor, o longevo Pio IX (1846-1878), manteve a mesma orientação em seus domínios, até que, em 1870, o exército papal foi batido e a unificação foi atingida. Aliás, Pio IX excomungou Vitória Emanuel quando este completou a unificação italiana com a conquista de Roma, e essa excomunhão somente foi revogada pelo Papa em 1878, quando já era iminente a morte do Rei, por malária.

Naquele século de muitas transformações, as artes floresceram e, entre elas, a ópera, que atraía multidões. Para os amantes da ópera, é fácil imaginar as razões do apelo popular de um gênero musical que une a beleza dos instrumentos musicais clássicos, com histórias cativantes e vozes e coros fortíssimos, em uma época na qual ainda não existiam alto-falantes. Os criadores de óperas eram celebridades, e os mais inovadores rapidamente atraíam amor ou ódio. Pode-se dizer que cada autor tinha uma torcida fiel, bem como detratores.

A ópera une a música a elementos do teatro e da dança. Ela emociona e diverte com facilidade. A primeira ópera da história foi escrita em Florença, em 1597 (Dafne, de Jacopo Peri), e o estilo teve contínua evolução. No séc. XVIII, houve uma explosão de apreciação por ópera em toda a Europa e os principais autores do período foram Georg Händel (1685-1759), Christoph Glück 1714-1787) e Wolfgang Mozart (1756-1791). Chegamos, assim, à primeira metade do séc. XIX, época de Vincenzo Bellini (1801-1835), Hector Berlioz (1803-1869), Richard Wagner (1813-1883), Giuseppe Verdi (1813-1901), Charles Gounod (1818-1893), Jacques Offenbach (1819-1880) e Georges Bizet (1838-1875), dentre tantos outros, tão ou mais talentosos que os citados.

Na Itália, a ópera já tinha raízes fortes quando o talento de Verdi conquistou as plateias. Aliás, pode-se dizer que Verdi e Wagner (este, na Alemanha) foram os nomes mais proeminentes do estilo em todo o séc. XIX. Entre as mais famosas das dezenas de composições de Verdi encontram-se Nabucco (1842), Rigoletto (1851), La Traviata (1853), Aida (1871) e Otelo (1887). A canção que desejamos comentar encontra-se em Nabucco.

Nabucco (abreviação de Nabucodonosor) é uma ópera em 4 atos, com libreto (roteiro) de Temistocle Solera, e narra a história do famoso rei da Babilônia. Uma vez que, quando escrita, o norte da Itália era dominado pelo Império Austro-Húngaro, o momento era fértil para que fossem despertados sentimentos nacionalistas. Foi o que ocorreu com o emocionante coro dos escravos hebreus, no 3º ato: o “Va Pensiero” foi informalmente adotado pelo povo italiano como o hino da sua unificação.

Nessa canção, o povo hebreu escravizado relembra a pátria perdida, e canta, com esperança na libertação. A analogia com a situação italiana era imediata, e, certamente, facilitada pela atuação política de Verdi. Desde o início de sua carreira, ele teve problemas com os censores austríacos por causa do espírito libertário de suas obras. A partir de 1859 espalhou-se pela Itália o slogan do Ressurgimento: “Viva Verdi!”. O que poderia parecer uma inocente exaltação a um então já grande compositor, na realidade tinha outro significado, pois VERDI tinha um duplo sentido e igualmente era uma abreviação de **V**ittorio **E**manuele **R**e **D**'Italia (Vitório Emanuel Rei da Itália).

Verdi compôs “Nabucco” devido a um acaso. O libreto havia sido dispensado por um compositor vienense afamado na época, Otto Nicolai, e Verdi havia ficado especialmente tocado pelo coro dos escravos em Va Pensiero. A estreia foi no tradicional teatro Scala de Milão, na primavera de 1842. O triunfo foi imediato e, em outono do mesmo ano, foi apresentada por 57 dias consecutivos, um recorde para a época. Aparentemente, os censores austríacos não perceberam a mensagem política em Nabucco (e o mesmo ocorreria com a obra seguinte de Verdi, “Os Lombardos”), pois não notaram o efeito que as melodias de Verdi, fortes e em um crescendo constante, teriam no ânimo das audiências. Aliás, em 1847, uma performance de Nabucco em Milão quase causou uma revolta na cidade, e o maestro Angelo Mariani foi até ameaçado de prisão, por supostamente ter fomentado uma rebelião.

A letra, pungente, nos traz a ânsia pela liberdade e as saudades da terra natal:

Original Italiano:

Va Pensiero

Va', pensiero, sull'ali dorate.
Va', ti posa sui clivi, sui coll,
Ove olezzano tepide e molli
L'aure dolci del suolo natal!

Del Giordano le rive saluta,
Di Sionne le torri atterrate.
O mia patria, sì bella e perduta!
O memoranza sì cara e fatal!

Arpa d'or dei fatidici vati,
Perché muta dal salice pendi?
Le memorie del petto riaccendi,
Ci favella del tempo che fu!

O simile di Solima ai fati,
Traggi un suono di crudo lamento;

Versão livre para o Português:

Vai Pensamento

Vai, pensamento, sobre as asas douradas.
Vai, e pousa sobre as encostas e as colinas,
Onde são tépidos e macios
Os ares doces do solo natal!

Saúda as margens do Jordão,
E as torres destruídas do Sião.
Oh, minha pátria tão bela e perdida!
Oh lembrança tão cara e fatal!

Harpa dourada de profecias fatídicas,
Por que, muda, pende do salgueiro?
Reacende a memória no nosso peito,
Fala-nos do tempo que passou!

Lembrando-nos do triste destino de Jerusalém,
Traze-nos um som de triste lamento;

O t'ispiri il Signore un concerto
Che ne infonda al patire virtù

Ou o Senhor te inspire a harmonia
Que infunda virtude ao sofrimento!

Tamanha foi a influência cultural de Verdi, que, após a unificação italiana, várias de suas obras foram reinterpretadas e nelas teriam sido identificadas mensagens revolucionárias que, possivelmente, jamais foram desejadas pelo compositor ou pelos autores dos libretos. O 1º Primeiro Ministro da Itália unificada, o grande estrategista Conde de Cavour (Camillo Benso, que já era o braço-direito do Rei desde 1852) desejava uma personalidade com o apelo popular de Verdi como integrante do 1º Parlamento Italiano e, com efeito, em 1861 Verdi candidatou-se e foi eleito, embora pouco tenha participado das atividades legislativas.

Até hoje, *Va Pensiero* não perdeu sua força. Em 12 de março de 2011, o grande maestro Ricardo Muti regia a ópera *Nabucco* em meio à agitação política causada por cortes no orçamento cultural anunciados naquele mesmo dia pelo governo, então chefiado por Silvio Berlusconi, presente no teatro. Após a apresentação do coro dos escravos, a plateia aplaudiu entusiasmadamente, e, em seguida, Muti virou-se para a audiência e disse que não tinha o hábito de dar “bis” no meio de uma performance, mas que, naquele dia, o faria. Prosseguindo, protestou contra os cortes no orçamento cultural e conclamou os presentes a cantarem juntos. Todos se levantaram e se juntaram ao coro. O momento, belíssimo, está disponível no YouTube (basta procurar por “*Muti Opera di Roma 12.03.2011*”).

Por ocasião da atual pandemia de Covid-19, uma das “lives”, dentre as inúmeras promovidas por grandes artistas, foi a emocionante interpretação de *Va Pensiero* pelo coro do Metropolitan Opera de Nova Iorque, um dos palcos mais importantes do mundo. Vale a pena assistir (basta buscar na internet “*at home gala met opera va pensiero*”). Sem dificuldades, é possível encontrar várias interpretações em produções sofisticadas, e recomendo a todos que tenham o prazer de assistir a *Nabucco*, ao vivo ou em vídeo.

Sabemos que uma nação é a reunião de pessoas, com os mesmos costumes, formando um povo, cujos elementos se mantêm unidos pelos hábitos culturais e consciência nacional. Como regra geral, não há Estado sem nação, mas pode haver nações sem Estado. A comunhão de valores culturais é um elemento essencial formador de nações, e, portanto, de Estados. Poucos episódios da história moderna demonstram essa realidade de modo tão significativo quanto a unificação italiana, uma conquista militar alcançada sob inspiração de uma das mais belas obras musicais criadas pelo espírito humano.

Concluo, reiterando a importância da cultura em todos os momentos da vida de um país; inclusive, como no caso que aqui examinamos, quando um país ainda estava em construção. A cultura participou ativamente da unificação italiana, assim como participa, ainda hoje, da construção da identidade nacional daquele e de todos os países. Entre nós, para ficar apenas na seara da música, Villa-Lobos, Pixinguinha, Tom Jobim, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, e tantos outros, decifram a alma nacional, nos unem e nos emocionam.

São Paulo, 23 de maio de 2020